

# Queixas retiradas porque ainda se aceita o abuso sexual

*Mesmo quando há prova feita e testemunhas, muitas famílias optam por retirar a queixa contra os abusadores sexuais dos filhos*

## Regras a seguir

Prevenir os filhos para não aceitar boleias de estranhos e vedar os acessos dos jovens a sites pornográficos e a certos "chats" na Internet são duas regras que os pais devem seguir para evitar males maiores no futuro, como o sequestro ou o abuso sexual.

Vítor Alexandre diz que não existe motivos para prender as crianças e os adolescentes em casa, mas lembra que estes têm que estar informados e cientes dos perigos que podem correr. Os velhos conselhos de não aceitar nada de estranhos, nem dar indicações sobre a morada, nome ou telefone continuam actuais. Nem sempre, no entanto, é possível proteger as

crianças destes crimes. Se o mal estiver feito, a única saída é apresentar queixa para que o responsável seja punido. Contudo, também nesta situação, há que ter a cabeça fria e seguir certas regras. «Por mais doloroso que seja», salienta o director regional da Polícia Judiciária. Não tomar banho e dirigir-se imediatamente ao hospital para fazer um exame médico são procedimentos essenciais para que se possa avançar com uma acusação. Convém guardar também as roupas, pois podem servir para fazer prova. Na posse de vestígios orgânicos, a Judiciária pode avançar com as investigações e chegar ao ADN do criminoso.



Há que mudar mentalidades se se quiser combater realmente os crimes sexuais contra crianças, diz o director da Polícia Judiciária.

Marta Caires  
mcaires@dnoticias.pt

Dos 70 inquéritos abertos pela Polícia Judiciária por abuso sexual de crianças e adolescentes, uma parte importante acabou arquivada por as famílias entenderem que era melhor não dar seguimento à queixa. Decisões que levam Vítor Alexandre, director regional da Polícia Judiciária, a afirmar que, na Madeira, ainda se aceita os crimes sexuais como normais.

As famílias, mesmo quando há prova feita e testemunhas, optam por retirar as queixas contra os abusadores das crianças, aceitando como normal o crime. Vítor Alexandre refere que, embora se veja já uma mudança, um dos maiores aliados do crime sexual é a mentalidade das famílias, que aceitam as situações.

«Aceitam, por exemplo, que uma menina de 12 anos seja abusada por um vizinho ou por um parente próximo. Acham que é normal e que não é assunto para se levar à polícia. As denúncias, quase sempre, são feitas por vizinhos», refere o inspector chefe

Jorge Martins, o homem que dirige estas investigações na direcção regional da Polícia Judiciária.

É dramático quando o trabalho está todo feito e as possibilidades de condenação dos abusadores são grandes, mas, por decisão da família, a queixa é arquivada. «Isso aconteceu com uma parte dos 70 casos de abuso sexual de crianças que tivemos no ano passado aqui». Porque, para dar andamento ao processo, é preciso a autorização de quem tem a tutela da criança. Sem isso, o assunto morre antes de chegar ao tribunal.

A tendência explica-se, em parte, pelo meio de onde vêm estas famílias. São pobres, de bens e de afectos, e têm disfunções graves. «O alcoolismo é uma das principais causas destes problemas», refere o director da Polícia Judiciária. O alcoolismo potencia as taras dos abusadores, que quase nunca conseguem manter um relacionamento se-

xual saudável com um adulto. As crianças, que não se conseguem defender, são os seus alvos.

Uma parte importante dos abusos dá-se no meio familiar ou com pessoas conhecidas e de confiança, de acordo com a Polícia Judiciária da Madeira. Um amigo dos pais ou um vizinho. No entanto, o ambiente de miséria material e humana também torna estas crianças em presas fáceis para pedófilos. A troca de umas guloseimas, de brinquedos ou dinheiro, estes miúdos podem ceder favores sexuais, pouco conscientes do perigo que estão

a correr.

É por isso que, tanto Vítor Alexandre como Jorge Martins, entendem que a prevenção contra os crimes sexuais deveria começar na escola, bem cedo, com uma educação sexual adequada capaz de proteger as crianças destes perigos. «É tempo de deixar o puritanismo», salienta o director da Judiciária.

«Temos que explicar aos miúdos e miúdas a vida e os seus perigos».

Se estiverem alertados, mais depressa poderão proteger-se do aliciamento de abusadores que rondam, por vezes, as escolas. «Neste campo, no entanto, podemos dizer que as coisas evoluíram bastante. Os professores e funcionários estão mais atentos e as Comissões de Protecção de Menores também funcionam». As queixas que chegam à Polícia vêm muitas vezes destas instituições.

Um sinal positivo no combate ao abuso de crianças, mas não é o único. O caso "Casa Pia" veio despertar as instituições para este problema e, nestes últimos seis meses, muito se fez na protecção às vítimas de crimes sexuais. «Sejam crianças ou mulheres vítimas de violação», salienta Vítor Alexandre.

E, neste momento, é menos complicado apresentar queixa. Os exames médicos necessários para fazer prova nestes crimes resumem-se a um só e já se podem fazer depoimentos para memória futura para poupar as vítimas a vários depoimentos. Na Madeira, por exemplo, estes casos vão quase todos para o mesmo delegado do Ministério Público.

tizado.

Do mesmo modo que há pistas da Sofia Oliveira no continente, chegam pedidos de ajuda à Madeira, procurando outras crianças desaparecidas. Recentemente, a Polícia Judiciária, a pedido da direcção do Porto, seguiu um pista sobre Pedro, o rapaz da Lousada que lançou a causa das crianças desaparecidas em Portugal. Infelizmente, esta pista também não se confirmou.

Na Madeira, Sofia e João são as únicas crianças dadas como desaparecidas, mas isso não impede que, com frequência, os pais recorram à Polícia Judiciária à procura dos filhos que não deram notícias. «Acabam por aparecer.

Normalmente, saíram de casa na sequência de uma desavença, sobretudo as raparigas adolescentes. Refugiam-se em casa de amigos, mas acabam por voltar a casa. Até porque não têm dinheiro para viver sozinhos», explica Jorge Martins, inspector chefe.

Naturalmente, os pais, aflitos, recorrem à polícia para tentar encontrar os filhos, mas nada disto tem comparação com a dor dos que ficam na incerteza, sem saber se as suas crianças estão vivas ou mortas. Essa é a história de Filomena Teixeira, a mãe do Pedro, o rapaz da Lousada, que, um dia, desapareceu sem deixar rasto, quando foi dar uma volta com o amigo Afonso.



Com excepção dos casos de João e Sofia, na PJ, os desaparecimentos de menores são curtos e na sequência de desavenças familiares,

Já lá vão seis anos. Se estiver vivo, como acredita a mãe, terá hoje 17 anos e é, sem dúvida, o rosto da causa das crianças desaparecidas em Portugal. Por ele, Filomena Teixeira deu a cara nas televisões, procurou o rosto do filho em "sites" de pornografia, indignou-se com a morosidade da investigação. E hoje, seis anos depois, não desiste. No texto que escreveu na Notícias Magazine, para assinalar o Dia Internacional da Criança Desaparecida e Abusada Sexualmente, fala da dor, da saudade que não lhe deixa o peito, mas diz também que é pelo filho que se mantém de pé. «Talvez eu consiga sobreviver só para te encontrar».